

Handwritten: 12650

Série de Notas sobre a Guerra

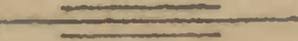
N.º 96

OS TITANS

PUBLICADA PELO

Handwritten: Col. 16

Bureau da Imprensa Britanica em Lisboa



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

—
1918

1900

20



1900

LIBRO

1900

OS TITANS

Quando pela primeira vez se avista o estu-
pendo esforço que se está desenvolvendo no
Clyde, Escocia, chega á convicção que neste
centro não só se constroem navios, porém se
edifica um Imperio.

Neste mundo de ferro e ferrugem, de aço e
aguas pardacentas, de ceus sombrios e chuvo-
sos, um mundo de guindastes monstros, de
barracões colossais, patenteia-se uma energia
incessante, incansavel. O quadro assemelha-se
ás visões fantasticas dum sonho. Tem uma
beleza propria, uma beleza de cathedral que er-
gue a sua magestosa e rendilhada estructura,
amesquinhando tudo quanto a rodeia. Tem um
encanto extraordinario aquela floresta de braços
adelgaçados que se estendem para o ceu, aque-
las estacas dos andaimes que em finos contor-
nos circundam a nau em via de construção.
E' uma floresta encantada cujas arvores são de
aço; percorrem-lhe as veredas assombreadas
duendes atarefados; enormes mamutes malham
e rimbombam, mastigando a sua refeição de
parafusos, porcas, trancas e traves. E tudo isto
vem acompanhado por uma nova musica rit-
mica, o martelar dos arrebitadores que faz lem-
brar gigantescos picanços batendo em aço. A

dois passos dali — a distancia duma corrida de carro electrico — estende-se o lago Lomond onde se está, em paz e socego, deante duma obra prima de Rembrandt, emquanto que aqui apresenta-se outro quadro, russo, dourado, preto e cinzento, tão maravilhoso como os de Rembrandt, um quadro bafejado pelo ar do mar, impregnado da dignidade do trabalho e, acima de tudo, mergulhado num ambiente de aventuras.

Mr. C. K. Chesterton diz que o poema do verdadeiro inglez é: «Over the Hills and far away» (Transpôr os montes e voar para longe); é no Clyde que se reconhece essa verdade. Nos estaleiros estão navios mercantes, carracas destinadas a sulcar os mares, do Norte ao Sul. Ao lado desses, naus de guerra para os defender; mais além, enormes barcos para o transporte de aventureiros que atravessam os mares afim de consolidarem o nosso Imperio poderoso. Acolá vêem-se luzentes submarinos em cujos costados arredondados martelam instrumentos monstros. Saindo das forjas, cujas portas escancaradas parecem bocas do inferno, veem para as oficinas sombrias e tristes, grandes barras de ouro ardente. Esta é a officina dos chapeadores. No solo de aço, que a intervalos está cravejado de buracos, depositam-se as barras em brasa para serem cambiadas afim de formarem o esqueleto dum navio ou os arcos dum submarino. Armados com instrumentos varios, estes titans, cujas faces reflectem o ardor do metal coruscante, martelam nas barras de aço que parecem dotadas de vida; reviram-nas, pren-

dem-nas, subjugam-nas a seu belprazer, e lentamente se apaga o fogo interior como se apaga o sol num ceu de inverno.

Atordoa esta variedade de actividades enquanto a vista não se acostuma e não começa a destacar umas das outras. A' direita vê-se um destroyer já fluctuando e quasi concluido: a seu bordo ha um enxame de operarios, uns assentando as peças, outros os instrumentos na ponte de comando; trabalham carpinteiros e os mecanicos dão o ultimo retoque ao aparelho T. S. F. Dir-se-hia que deste cáos não poderá jámais sair uma nau perfeita, a complexidade coordenada que se requer. Eis, porém, á esquerda um cruzador que recebe a ultima demão duma tinta pardacenta: a seu bordo reluzem os metais, brilha o madeiramento.

E este mundo de operarios compreenderá a significação de tudo isto? Este homem que arrebita um prego, essa mulher de blusa azul que conduz o carro dum guindaste aéreo, o caldeireiro, o ferreiro, emfim toda a casta de gente, homens, mulheres, rapazes e raparigas, que trabalha nas miudezas desta empreza gigantesca, compreenderá o fim para que trabalha? A todos eles se inculca, todos absorvem inconscientemente, a Lei da Perfeição. O marinheiro, o capitão de navio confia ao arrebitador, ao operario, ao inspector, a sua vida e a da sua tripulação, e o objectivo do seu Imperio. Obra grande e obra pequena feitas com perfeição produzem uma obra grandiosa. Os salarios, a hospedagem, a alimentação, a economia, tudo coisas

elementares, assumem uma nova (contudo tão velha) significação quando delas dependem a propria existencia do Imperio. Essa convicção acomete-nos de chofre e com força, porém também com doçura. Falando em termos poeticos, tem aqui a navegação do mundo a sua nascença dum parto doloroso.

Os nossos conterraneos (sabe Deus com que estremecimento de orgulho o declaro) que viajam por toda a superficie do globo, iniciam campos de jogos, clubs, vias ferreas, reinos, teem de seguir por mar pelo menos metade do caminho; e nós, os que ficamos, somos fieis ao contracto: damos-lhes navios resistentes, perfectos, para os transportar, para os defender, para os reconduzir e para o transporte da sua correspondencia. Eis a tarefa do Clyde em relação ao Imperio. Para esses exilados, no Occidente, no Oriente, ao Norte e ao Sul, nos tropicos e na zona frigida, nos campos isolados do mundo onde o branco procura viver com decencia, só conhecem o que vale a mala do correio os que lá estão: é aqui que se constroem os navios cuja tarefa é transportar essas malas.

O homem que nunca viu colocar ou nunca colocou uma quilha, difficilmente fará idéa do valor que esse acto representa para a nossa patria e para a causa da liberdade e da civilização — valor inestimavel. Colocam-se aqui, ao lado de navios em todos os graus de adeantamento; de navios que recebem a ultima palavra em aparelhos salva-vidas; de navios que não passam aparentemente dum agregado de metal

ferrugento; de navios cujos costados reluzem de tinta nova em desenhos extravagantes.

As margens do Clyde formam uma região de sonhos maravilhosos, até mesmo quando se contempla algum casco antiquado, alguma barca ou brigantina, com as suas cores modestas de preto e branco, com as suas linhas elegantes de mastros, mastareus e cordame, com o seu talhamar lavrado, que se reflete nessas mesmas aguas onde tambem se retratam os monstros modernos.

Parece imperar aqui o maquinismo. Nota-se um objecto inanimado, paciente, que lembra um daqueles bichos fantasticos de teatro infantil, que consome sofregamente barras de aço. Nada rejeita; tem os dentes fortes. E'-lhe administrada a alimentação por uma rapariga: aço e mais aço que elle transforma em parafusos de cabeça de cogumelo. Chega quasi a convencer-nos que tem cerebro, não ha duvida que tem garras, porém falta-lhe coração. Cada vez que produz um parafuso perfeito atira com ele para um banho de azeite, firma-se nas ancas e pede mais comer. O que resulta daqui é que esses parafusos vão servir para reunir as diferentes peças dos grandes hoitzers, e estes por sua vez, depois de submetidos á prova, são entregues com o aço e o latão a luzir, a um artista aparentemente doido mas que na verdade é muito sensato, que os pinta de forma a dar-lhes a apparencia dum brinquedo de bébé gigante, e por fim são expedidos para o front e lá dão cabo dos alemães. E' tarefa lugubre esta de fabricar ins-

trumentos de morte dando-lhes a apparencia e as cores proprias dum bonito de creança.

E' a sorte de muitos engenhos de guerra moderna assumirem um ar grotesco que indica parentesco remoto com animais ante-diluvianos, como por exemplo esse sapo a que chamam tank, cujo interior é um forno infernal, ou esse balão papagaio, corpo de gaz sem olhos, cujo interior é uma perfeita geleira. No Clyde e nos seus arredores fabricam-se todos. Ao privilegiado é possível qualquer dia dar com uma dessas estranhas lagartas focinhando para chegar ao seu trolley, ou poderá ver um navio volante rodeado duma chusma de raparigas ocupadas em coser-lhe as azas, ou ainda o arrebatar dos flancos arredondados do estupendo submarino. Porém uma nau nada tem de ridiculo; pelo menos durante a construção. Um navio é um poema desde a colocação da quilha até ao momento de se lhe armar as cortinas de cretone. E' uma bela dama, até mesmo quando não passa dum rechonchudo navio tipo ou duma barcaça para o transporte de petroleo ou dessa especie extravagante de arca de Noé que serve de viveiro para hidroplanos. Esta ultima é incontestavelmente o produto dum cerebro creador de brinquedos: enorme, esquipática, pardacenta, cheia de passaros mecanicos, parece exigir que os officiais e tripulantes se vistam de roupões e chapéus redondos tal qual Noé e sua familia.

Ao pôr do sol o Clyde oferece um quadro deslumbrante. Os mastros, os guindastes, as

oficinas iluminadas, tomam o aspecto duma cidade magica, emquanto que as aguas do velho rio escravizado reflectem o fulgor avermelhado do ceu. Reproduzem-se na agua reflexos verdes e encarnados; um rebocador com uma importancia de pigmeu atira para o espaço uma columna de fumo negro; das oficinas deslisam correntes de entes humanos, como um exercito de formigas que se dirige contra um formigueiro inimigo.

Engenhos de guerra e engenhos de paz fabricam-se ao lado uns dos outros. Debaixo daquele telheiro põem-se á prova as maquinas dos navios tipo, e as turbinas de destroyers, obedecendo ao engenheiro, fazem ouvir o seu zunido. Estas oficinas lembram o atelier dum pintor: assim como da confusão de martelos, caldeiras, retalhos de metal e aparelhos de brocar, sai a maquina perfeita, primorosa, de movimentos suaves, assim do meio da confusão de modelos, palhetas, costumes, aparece o quadro acabado e emmoldurado. Porém estes ateliers diferem em todo o ponto dos doutros artistas. São enormes salões desguarnecidos sobre o pavimento dos quais estão desenhadas em tamanho natural as curvas dos navios, Para quem se interessa no assunto de curvas, estes soalhos oferecem um estudo encantador. Os fantasmas de navios já moribundos e os sinais da nascença dos navios ainda existentes no alto mar, acham-se encravados no chão. Está de pé deante duma pequena mesa coberta de desenhos em papel azul, um homem que

repete certos numeros enigmaticos emquanto outros homens, seguindo cuidadosamente as indicações, juntam no chão peças curvas de madeira as quais depois serão transportadas para uma das oficinas com pavimento de aço onde, com metal em brasa, se dá o feitio ao esqueleto do navio: eis como nasce e se desenvolve esse primor de beleza, um navio no mar.

O que o poeta diz do corpo humano, pode-se dizer igualmente do navio: «é um involucro de sonhos perigosos». Mais dum capitão no mar tem tido ocasião de abençoar ou amaldiçoar o constructor do navio. No relatorio do official comandante dum submarino que tinha sido açoutado por uma terrivel tempestade, lê-se: «Nenhum de nós julgou possivel que o barco pudesse resistir. Tiro o chapéu respeitosa-mente aos que o construíram.» Aos que o construíram! palavras tais deviam acabar com todas as contendas entre patrões e operarios; são palavras que muitas vezes profere quem é apto para julgar, cuja vida está em primeiro logar á mercê do operario e do material empregado. Qualquer firma que empregasse material ruim e operarios inferiores — se tal fosse possivel hoje — deveria ser, e decerto seria, obrigada a fechar as portas.

Por desconfiarmos tanto da imaginação, especialmente pelo motivo que o serviço marítimo dá muitas vezes officiais inferiores com intelligencia de ordem diferente da dos officiais superiores, tem sido difficil abordar devidamente a questão de mão d'obra no serviço marítimo e

comercial. Na complexidade das coisas do mar, é necessario que o barco seja bem construido antes de se entregar ao homem de capacidade que o deve comandar: o problema de construção e de comando é unico. Inutil é ter uma maquina perfeita a menos que se tenha tambem um maquinista, quanto possivel, perfeito para a dirigir. O operario no estaleiro tem enchido as medidas tanto quanto o oficial da marinha de guerra, os capitães e os immediatos da marinha mercante. E' impossivel exagerar o louvor que lhes é devido: é uma profissão nobilissima exercida com a maxima perfeição. Porém aos homens que constroem navios, é preciso não só reconhecer o seu merito mas apreciá-lo inteligentemente. Nestes imponentes braços do mar, são eles e só eles que em primeiro logar atraem os olhos e o coração. Observai estes titans, estes gigantes da industria, no seu duro labutar, e compreendei que deles dependem as vidas dos homens no mar.

No fundo de toda a verdadeira força existe beleza. Como disse, porém noutros termos, François Villon, são os cantos e não as leis que dirigem o povo, e aqui nestes estaleiros e oficinas para amparar a força, ha um encanto, um colorido, uma imaginação, uma coisa grandiosa — é o Mar. Muitos individuos se esquecem que este nosso cantinho, com os seus jardins, as suas sebes, a sua vida coordenada, é uma ilha; nós somos ilheus e portanto somos forçosamente homens do mar. Carecemos de navios e de homens para os tripular, e — temo-los!

